



Antes de deixarmos o estudo das evidências que identificam exactamente quem era o Melquisedeque que se encontrou com Abraão e o abençoou, necessitamos de considerar o notável simbolismo de certos números na Bíblia. Estou a referir-me em particular aos números 6, 7, 12, 13, e 666. A informação contida nestes números confirma para além de dúvida que Enoque, depois de trasladado, recebeu o seu novo nome especial, pessoal — Melquisedeque.

Começaremos pelo estudo do número 666 de *Apocalipse* 13:11-18.

“E vi subir da terra outra besta, e tinha dois chifres semelhantes aos de um cordeiro; e falava como o dragão,

“E exerce todo o poder da primeira besta na sua presença, e faz que a terra e os que nela habitam adorem a primeira besta, cuja chaga mortal fora curada.

“E faz grandes sinais, de maneira que até fogo faz descer do céu à terra, à vista dos homens.

“E engana os que habitam na terra com sinais que lhe tinha permitido que fizesse em presença da besta, dizendo aos que habitam na terra que fizessem uma imagem à besta que recebera a ferida da espada e vivia.

“E foi-lhe concedido que desse espírito à imagem da besta, para que também a imagem da besta falasse, e fizesse que fossem mortos todos os que não adorassem a imagem da besta.

“E faz que a todos, pequenos e grandes, ricos e pobres, livres e servos, lhes seja posto um sinal na sua mão direita, ou nas suas testas;

“Para que ninguém possa comprar ou vender, senão aquele que tiver o sinal, ou o nome da besta, ou o número do seu nome.

“Aqui há sabedoria. Aquele que tem entendimento, calcule o número da besta; porque é o número de um homem, e o seu número é seiscentos e sessenta e seis.” *Apocalipse* 13:11-18.

Vendo que este misterioso número está no livro das coisas reveladas, podemos descansar no facto que o número 666 pode ser segura e correctamente interpretado. Assim é, mas não antes de esclarecer o disparate da falsa interpretação.

Comecemos por ver o que ele não é.

A interpretação comum toma o nome que o Papa de Roma deu a si próprio, isto é, Vicarivs Filii Dei, que significa, “o Vigário do Filho de Deus” — e soma os valores numéricos a cada letra do nome em latim. Assim V=5, I=1, C=100, I=1, V=5, I=1, L=50, I=1, I=1, D=500, e I=1. A soma destes números é exactamente 666.

Tudo isto é tão próprio e conveniente que é tudo o que é necessário para satisfazer aqueles que falham em testar com profundidade a interpretação que parece estar tão obviamente correcta mas que, de facto, está totalmente errada.

Sabemos que o número é, 666, mas qual é a besta aqui referida, e qual é o seu nome?

Ela é a besta que se levanta depois da besta de *Apocalipse* 13:1-10. Esta besta anterior é o papado que obteve o poder em 538 d.C. e reinou durante 1260 anos, primeiramente com crescente, e em seguida decrescente autoridade, até a chaga mortal ser administrada em 1798. Este poder é representado pela besta composta de um leopardo, um urso, e um leão como está escrito:

“E pus-me sobre a areia do mar, e vi subir do mar uma besta que tinha sete cabeças e dez chifres, e sobre os seus chifres dez diademas e sobre as suas cabeças um nome de blasfêmia.

“E a besta que vi era semelhante ao leopardo, e os seus pés como os de urso, e a sua boca como a de leão; e o dragão deu-lhe o seu poder, e o seu trono, e grande poderio.” *Apocalipse* 13:1, 2.

Não somos deixados em dúvida quanto à besta ser o papado, porque ela é declarada assim no Espírito de Profecia:

“No capítulo 13 (vers. 1-10), descreve-se a besta ‘semelhante ao leopardo’, à qual o dragão deu ‘o seu poder, o seu trono, e grande poderio’. Este símbolo, como a maioria dos protestantes tem crido, representa o papado, que se sucedeu no poder, trono e poderio uma vez mantidos pelo antigo Império Romano. Declara-se quanto à besta semelhante ao leopardo: ‘Foi-lhe dada uma boca para proferir grandes coisas e blasfêmias.... E abriu a sua boca em blasfêmias contra Deus, para blasfemar do Seu nome, e do Seu tabernáculo, e dos que habitam no Céu.

“E foi-lhe permitido fazer guerra aos santos, e vencê-los; e deu-se-lhe poder sobre toda a tribo, e língua, e nação.’ Esta profecia, que é quase idêntica à descrição da ponta pequena de Daniel 7, refere-se inquestionavelmente ao papado.” *O Grande Conflito*, 437.

Mas, apesar do facto de tantos terem ligado a cabeça do papado ao número 666, esta não é a besta da qual se declara o 666 ser “o número do seu [da besta] nome;” e “o número da besta”. Pelo contrário, é a besta que se segue à besta papal a que o número 666 está ligado.

Esta é a besta que tinha chifres semelhantes aos de um cordeiro, mas que mais tarde fala como o dragão. Ela levanta-se *depois* da besta papal descrita em *Apocalipse* 13:1-10, e é referida como a imagem da besta. Ela é o instrumento que faz com que todo o mundo “adore a primeira besta, cuja chaga mortal foi curada”. Ela consegue isto fazendo grandes sinais e maravilhas que enganam os habitantes da Terra levando-os a levantarem “uma imagem à besta que recebera a ferida da espada e vivia”. Uma vez que isto tenha sido alcançado, aqueles que recusam reconhecer a autoridade universal desta besta, serão perseguidos, é-lhes recusado o direito de comprar e vender, e por fim serão sentenciados à morte.

Esta besta é o símbolo dos Estados Unidos da América como é plenamente declarado nestas palavras: “Uma nação, e apenas uma, satisfaz

às especificações desta profecia; esta aponta insofismavelmente para os Estados Unidos da América do Norte.” *O Grande Conflito*, 439.

“Quando as principais igrejas dos Estados Unidos, ligando-se em pontos de doutrinas que lhes são comuns, influenciarem o Estado para que imponha seus decretos e lhes apoie as instituições, a América protestante terá então formado uma imagem da hierarquia romana, e a inflicção de penas civis aos dissidentes será o resultado inevitável.... A ‘imagem da besta’ representa a forma de protestantismo apóstata que se desenvolverá quando as igrejas protestantes buscarem o auxílio do poder civil para imposição de seus dogmas.” *O Grande Conflito*, 444.

Assim a imagem da besta é positivamente identificada como sendo o protestantismo apóstata apoiado pelas autoridades e poder dos Estados Unidos da América. Este poder ainda não fez esta imagem à besta, mas o tempo não está longe para que tudo isto seja realizado.

O ponto deste estudo é que é a esta besta, e não à besta papal, que o número 666 se refere.

Não havia dúvida acerca disto na mente de James White que escreveu: “Este último poder que ameaça os santos é revelado em Apocalipse 13:11-18. O seu número é 666.” *A Word to the Little Flock*, 9.

Qual é o poder revelado em *Apocalipse* 13:11-18, cujo número é 666? É o papado com o Papa de Roma à cabeça cuja chaga mortal foi curada?

Não! Esse poder é exposto em *Apocalipse* 13:1-10.

O poder revelado em *Apocalipse* 13:11-18 é o cordeiro com chifres semelhantes aos de um cordeiro que se seguiu à besta papal e é de novo conhecido como a Imagem da Besta. *O seu número é 666*.

Em todo o Espírito de Profecia apenas fui capaz de localizar uma referência ao 666, e não dá qualquer apoio à interpretação que liga o número 666 ao Papa designado pelo próprio nome, nem o papado como um todo ou em parte. Em vez disso, *o testemunho claramente declara que 666 é o número da imagem da besta*. Isto foi mostrado em visão:

“Vi que todo aquele que ‘não recebesse a marca da besta, e da sua imagem, nas suas testas ou nas suas mãos’, não podia comprar ou vender. Vi que o número (666) da imagem da besta foi formado; e que foi a besta que mudou o sábado, e que a imagem da besta a havia seguido desde então, e manteve o sábado papal e não o de Deus. E tudo aquilo que se exigia que fizessemos, era abandonar o sábado de Deus, e guardar o do Papa, e então teríamos a marca da besta, e da sua imagem.” *A Word to the Little Flock*, 19.

Os acontecimentos descritos neste parágrafo estavam ainda muito no futuro quando aquelas palavras foram escritas, e ainda estão. A razão para terem sido escritas no presente é porque o profeta foi levado à frente em visão a um tempo em que estas coisas aconteceriam. Para ele, nessa posição, tinham que se tornar presente e descreveu-as de acordo com isso.

Este testemunho confirma duas coisas que estão intimamente relacionadas.

A primeira é que 666 é o número da imagem da besta, e a segunda é que quando o decreto de comprar e vender for posto a circular, então o número 666 terá sido formado. Sendo assim, o número 666 nunca podia ser o número da besta papal porque, quando essa besta esteve no poder entre 538 e 1798, o número 666 não estava formado, nem estará até às fases finais da batalha com a besta e sua imagem. Até lá, o número não existe senão em profecia.

Uma vez que isto tenha sido estabelecido como foi agora, esse número 666 pertence à imagem da besta, e não ao papado, a interpretação em que o valor numérico das letras num nome somam 666, prova ser inválida.

É verdade que o número 666 pode ser encontrado no título papal, *Vicarivs Filii Dei*, como foi demonstrado anteriormente neste capítulo. Também pode ser encontrado num nome Ellen Gould White como se segue L=50, L=50, O=0, V=5, L=50, D=500, W=10 (V=5; V=5), I=1. O total destes números é exactamente 666. As letras, E, N, G, O, H, e T, não têm valor numérico em latim.

Deste modo, se este sistema de interpretação fosse usado, então Ellen G. White continha o número da besta e do seu nome, e por conseguinte, juntamente com o Papa, é a besta. Nós sabemos que isto nunca pode ser verdade, porque ela sem dúvida foi profetiza de Deus, e como tal, estava em completa oposição à besta e à sua imagem.

Além disso, se este sistema em que os valores numéricos de um nome é a forma correcta para determinar o significado do número 666, então o nome da imagem da besta, que é Protestantismo Apóstata, também deve conter esse misterioso número. Mas não. Há apenas duas letras em todo o nome com valor numérico e são I e M. I=1, e M=1000, fazendo um total de 1001, que está longe de 666.

Nem ele pode ser encontrado no nome “Estados Unidos da América”, o valor numérico do qual é 1607.

Há uma objecção muito conclusiva quanto ao uso do valor do título, “Vicarius Filii Dei,” para identificar aquele cujo número é 666. Esse nome, que sendo traduzido, significa “O Vigário do Filho de Deus”, não é, em quaisquer circunstâncias, o título dos pontífices papais. Eles não são, nem alguma vez serão, os representantes de Deus na Terra. Esse não é o seu nome. Pelo contrário, eles representam a obra-prima do engano de Satanás, os inimigos de Deus e do homem. Portanto, 666 não é o número desse nome, não importa quanto possa parecer, porque é um título que eles atribuíram a si próprios a fim de desviarem a atenção dos seus verdadeiros nomes. Os seus nomes são: “Babilónia”; “O Homem do Pecado”; “O Filho da Perdição”; “Anticristo”; “A Mãe das Prostituições e Abominações na Terra”; etc.

Há aqueles que, embora acreditem sinceramente que o sistema papal é o anticristo e a abominação desoladora, ao mesmo tempo ensinam que o 666 é o número daqueles que assumem esse título por si próprios: “Vicarius Filii Dei”. É evidente que o povo não compreende as implicações da posição que tomou, porque, se aceitassem esse título como seu nome, tinham que admitir que ele é de facto o vigário ou representante do Filho de Deus na Terra. Essa posição apenas podia ser correctamente ocupada por designação divina, e a indicação teria que recair na verdade num verdadeiro cristão, e não no anticristo que a imagem da besta será de facto.

Tendo demonstrado a forma incorrecta de interpretar o número 666, voltamos agora a nossa atenção para a verdade deste assunto.

Para fazer isto, é necessário voltar ao Antigo Testamento a fim de encontrar onde o número primeiramente começou a ser formado e a revelação na Escritura deste desenvolvimento. Este é um são e válido procedimento porque: “No Apocalipse todos os livros da Bíblia se encontram e se cumprem.” *Actos dos Apóstolos*, 584, 585.

Portanto, com a mesma certeza de que encontramos o número 666 completamente desenvolvido em *Apocalipse*, podemos estar certos que encontraremos o começo desse crescimento nos primeiros dias da grande rebelião. Como obtenção duma compreensão e explicação do aparecimento desse que no fim se tornaria um 666 completamente amadurecido, Deus deu a Israel leis que se destinavam a protegê-los desse temível poder simbolizado pelo número 6, 66 e 666. Esse estatuto é encontrado em *Êxodo* 21:1-6 e lê-se como se segue:

“Estes são os estatutos que lhes proporás:

“Se comprares um servo hebreu, seis anos servirá; mas ao sétimo sairá forro, de graça.

“Se entrou só com o seu corpo, só com o seu corpo sairá; se ele era homem casado, sairá sua mulher com ele.

“Se seu senhor lhe houver dado uma mulher, e ela lhe houver dado filhos ou filhas, a mulher e seus filhos serão de seu senhor, e ele sairá só com seu corpo.

“Mas se aquele servo expressamente disser: ‘Eu amo a meu senhor, e a minha mulher, e a meus filhos; não quero sair forro:’

“Então seu senhor o levará aos juizes, e o fará chegar à porta, ou ao postigo, e seu senhor lhe furará a orelha com uma sovela; e o servirá para sempre.” *Êxodo 21:1-6*.

Quando os hebreus agiam segundo os requisitos desta lei, Deus designou que eles vissem a aplicação da mesma lei a toda a história do grande conflito. Semelhantemente, Ele espera que nós vejamos mais nisto do que uma instrução limitada aos judeus. Devemos compreender o resultado da determinação do homem para colocar os seus semelhantes numa cruel, perpétua servidão, e as limitações que Deus tinha imposto a esta disposição.

Os seis anos de escravidão que os escravos hebreus eram forçados a cumprir, apontam para os seis mil anos durante os quais a família humana como um todo tem servido sob a escravidão do pecado. O facto é que há exactamente seis mil anos entre o início da escravidão do homem e o seu fim.

Esta atribuição de seis mil anos para a escravidão é revelada pelo facto que haverá mil anos de total repouso para a Terra entre a segunda e a terceira vinda de Cristo. Tão seguramente como haverá mil anos de repouso, assim haverá seis mil anos de inquietação e servidão. Há uma lista numerosa de testemunhos para confirmar isto, da qual escolherei dois.

Descrevendo a situação tal como ela será no segundo advento de Cristo, está escrito que: “Seis mil anos esteve em andamento o grande conflito; o Filho de Deus e Seus mensageiros celestiais estavam em conflito com o poder do maligno, a fim de advertir, esclarecer e salvar os filhos dos homens. Agora todos fizeram sua decisão; os ímpios uniram-se completamente a Satanás em sua luta contra Deus. Chegado é o tempo para Deus reivindicar a autoridade de Sua lei que fora conculcada. Agora a controvérsia não é somente com Satanás, mas também com os homens. ‘O

Senhor tem contenda com as nações;’ ‘os ímpios entregará à espada.’” *O Grande Conflito*, 653.

“Durante seis mil anos Satanás tem lutado para manter posse da Terra.” *Patriarcas e Profetas*, 353.

Saber que seis mil anos passaram entre a queda do homem no pecado, e o regresso do nosso Rei vindouro, não dará a alguém a capacidade para estabelecer o tempo do segundo advento. Isto acontece porque ninguém sabe exactamente quanto tempo passou desde que Adão e Eva transgrediram, porque não foi guardado um completo e exacto relato do tempo. Contudo, podemos estar certos que o tempo é agora muito curto.

Não devemos negligenciar o facto que Deus é o Legislador que limitou o período de servidão a seis anos no tipo, e a seis mil anos no antítipo. *Ele decretou a limitação do tempo durante o qual a opressão pode reinar*, e por isto podemos estar verdadeiramente gratos.

No final do período estipulado, era oferecida a liberdade aos servos, mas, ele não era forçado a aceitá-la. Se amasse o seu senhor e a sua mulher e os filhos que o seu senhor lhes tinha dado, podia escolher a permanência na servidão. Se escolhesse esta opção, nunca mais podia sair livre mas tinha que permanecer escravo para sempre. Para identificar isto, uma marca visível era colocada nele, furando-lhe a orelha. Não era na forma de um seis, mas era o símbolo dele, para que todos os que vissem o furo soubessem que ele tinha servido seis anos e depois havia escolhido ficar escravo para sempre.

Isto mostra o facto que, embora Deus tivesse estabelecido um tempo limite ao opressor, ninguém era forçado a sair em liberdade. Todo o que quisesse podia permanecer em servidão eternamente.

Mas a questão é:

- Por que razão é dada no final do período de seis mil anos a escolha entre liberdade perpétua e uma escravidão sem fim, e não no início deles.

Embora pareça que os escravos fazem a sua escolha pela liberdade ou escravidão permanente no final dos seis anos de serviço, de facto este ponto de tempo é realmente apenas o momento de ratificar a decisão que ele já havia tomado antes. Em termos práticos, nenhum escravo sonhava chegar ao final dos seis anos e subitamente despertar para tomar uma decisão de ficar escravo ou partir. Ele teria antecipado esse momento e já teria tomado a sua decisão antes disso. Semelhantemente, toda a humanidade terá

tomado a sua decisão para liberdade ou escravidão permanente antes de chegar ao final dos seis mil anos à oportunidade de tomar a decisão. O final dos seis mil anos apenas fixa permanentemente as decisões que todos já tomaram anteriormente.

Mas devíamos reflectir durante algum tempo sobre o propósito, benefícios, e necessidade dos simbólicos seis anos de escravidão tal como eles se relacionam com todo o indivíduo que alguma vez viveu ou viverá.

Há uma diferença muito importante entre o homem antes de entrar em escravidão, e o homem depois de a ter experimentado por si próprio. Isto é também verdade apesar de Adão e Eva terem sido continuamente ensinados por Cristo e pelos Seus anjos auxiliares, sobre o que seria uma existência servil. Eles e os seus filhos deviam aprender pela mais amarga, dolorosa, experiência pessoal que conhecer a escravidão é, muito, muito mais do que saber acerca dela.

Para os tornar menos capazes de tomarem uma decisão duradoura, Satanás ali estava para confundir as coisas tanto quanto pudesse. Ele fazia parecer que uma vida sob a sua “gentil orientação” era muito mais preferível do que o “severo controlo” de Deus. Ele fez o mal parecer tão atraente que devia ser desejado acima de tudo o que Deus pudesse oferecer. Em consequência, Adão lançou a raça humana numa vida de servidão ao pecado; uma aprendizagem que todos são capazes de obter em primeiro lugar pela experiência directa, sobre o monstruoso engano que foi praticado sobre ele. Se, quando Satanás lhe conquistou o acesso, ele tivesse compreendido a miséria de uma vida de escravidão tão claramente como compreendeu quando a viveu, nunca teria dado ouvidos ao diabo por um instante. Quão rapidamente lamentou do mais profundo da sua alma, a triste escolha que fez.

“A vida de Adão foi de tristeza, humildade e contrição. Quando deixou o Éden, o pensamento de que ele deveria morrer fazia-o estremecer de horror. Pela primeira vez teve ciência da realidade da morte na família humana, quando Caim, seu primogénito, se tornou o assassino de seu irmão. Cheio do mais profundo remorso pelo seu pecado, e duplamente despojado pela morte de Abel e rejeição de Caim, Adão prostrou-se com angústia. Testemunhou a corrupção que vastamente se propagava, a qual deveria finalmente determinar a destruição do mundo por um dilúvio; e, posto que a sentença de morte pronunciada contra ele por seu Criador tivesse a princípio parecido terrível, contudo, após contemplar quase durante mil

anos os resultados do pecado, compreendeu que havia misericórdia da parte de Deus ao dar fim a uma vida de sofrimento e tristeza.” *Patriarcas e Profetas*, 78, 79. Vede também *The Signs of the Times*, 6 de Fevereiro de 1879.

Assim Adão provou por si próprio a realidade da vida como ela é sob o governo de Satanás. Ele não esperou até ao final dos seis mil anos para fazer a sua escolha a favor do bondoso governo de Deus. Mesmo assim, apesar dele entretanto se ter arrependido profundamente, ter sido perdoado e liberto do domínio do senhor do pecado, continuou sujeito ao último inimigo, a morte, e não ter entrado na sua herança prometida até os seis mil anos estarem terminados. Então, por causa de ter escolhido ser livre de acordo com os termos e condições estabelecidas por Deus, será livre para sempre.

Todavia, estranhamente, muito poucos na proporção das multidões de homens que viverão na Terra por altura da segunda vinda de Cristo, terão escolhido sair livres. Isto é assim porque eles amam o seu senhor, o diabo, e as coisas materiais que ele lhes deu, como simbolizado pelas mulheres e filhos na lei típica.

Quando uma pessoa faz a sua escolha para permanecer na escravidão do pecado, tem que ser portador da marca da sua escolha. É a marca do número seis que é o número do tempo de provação do homem. Quando na Bíblia é determinado um tempo de graça, será normalmente verificado que ele é uma unidade de seis ou múltiplo dele. O tempo de graça ligado com o dilúvio nos dias de Noé ilustra este ponto muito bem. Noé nasceu 600 anos antes do dilúvio, e foi avisado da sua vinda durante 120 anos. O próprio dilúvio destruiu o mundo 1656 anos depois da queda de Adão e Eva. Cada um destes períodos é múltiplo de seis.

A marca do número seis que era um furo feito na orelha, era visível a todos os que olhavam para ele, mas a sua contrapartida antitípica não é algo que possa ser visto pelo olho natural, mas é um sinal espiritual do qual falarei um pouco mais tarde. Apesar de invisível pelo olho natural, é contudo uma marca muito real.

Até agora neste estudo, a aplicação do número seis foi limitado apenas ao indivíduo e sua chegada ao ponto de decisão. Apesar desta ser uma linha de pensamento válida, carece de uma mensagem mais amplamente revelada no estatuto dado a Israel que aponta para o futuro para o dia em que os 6000

anos terminarão e todos forem obrigados a confirmar a escolha que fizeram. Quando esse tempo chegar por fim, o número 666 será totalmente formado.

O desenvolvimento do número 666 até ao ponto em que estiver completamente formado é obra de milénios. Ele começou com a entrada do pecado, e terminará quando todo o mundo liderado pela Imagem da Besta adorar a besta cuja chaga mortal foi curada. Quando chegar esta crise final, toda a pessoa sobre a Terra deve, *ao mesmo tempo*, ter escolhido ficar em perpétua servidão sob o domínio do seu antigo senhor, ou aceitar a vida eterna e liberdade do lado de Deus. Ninguém poderá ficar neutro ou indeciso.

Todavia, esta não será a primeira vez na história em que todas as pessoas da Terra, *ao mesmo tempo*, terão sido incapazes de evitar a decisão mais importante da vida, pois, quando o dilúvio se aproximava, todo o mundo foi trazido a um ponto espiritual crítico, o resultado do qual foi que oito entraram na arca e os restantes ficaram no exterior.

As multidões que tomaram a sua decisão de não sair em liberdade fizeram-no, não meramente baseados naquilo que lhes foi dito acerca da vida em servidão, mas em face daquilo que aprenderam sobre ela pela observação e experiência pessoal. Mas amavam o seu senhor, o diabo, e as coisas agradáveis que ele lhes dava, assim escolheram a escravidão em vez da liberdade, e o serviço ao eu e a Satanás em lugar da lealdade a Deus. Quando tomaram essa decisão final e receberam a marca do número 6, renunciaram à sua liberdade para sempre, e passaram para a eterna escravidão sob o domínio impiedoso do pecado quando o dilúvio os levou no frio abraço.

As poderosas forças do Céu não se sentaram e esperaram que as multidões da Terra chegassem à sua decisão colectiva, mas puseram em prática todo o esforço para dissuadir os homens do trágico rumo em que tinham colocado os seus pés. É importante notar que durante o período que levou ao dilúvio, foi o Pai Eterno que foi revelado à raça humana nos dedicados esforços do Céu para salvar aquelas pessoas.

Quando o esforço falhou, Jesus Cristo foi enviado como demonstração seguinte do amor redentor. Ele veio para revalidar essa lei que limitava o domínio do senhor do escravo e oferecia a liberdade perpétua àqueles que escolhessem aceitá-la.

Uma vez mais, através do ministério de Cristo e dos discípulos cheios de Espírito, todo o mundo foi trazido a um ponto de decisão, em que, outra vez,

apenas um pequeno remanescente escolheu a liberdade oferecida. A hora da decisão não estava tão ligada a um dia específico como foi nos dias de Noé, mas todo o mundo estava envolvido.

Agora chegamos a um ponto importante na formação do número 666. O ponto é que aqueles que tomaram a decisão nos dias de Cristo foram muito mais responsáveis do que aqueles que fizeram a sua escolha nos dias de Noé. Isto é assim porque os antediluvianos estavam pisando terreno novo. Embora vissem os efeitos do pecado nas vidas das pessoas dos vários povos, nunca viram os efeitos catastróficos de uma simultânea e global rejeição de Deus. Para eles não tinha havido um precedente. Para eles, faltava essa salvaguarda.

Mas não foi assim na situação existente quando Cristo e os inspirados apóstolos trouxeram o mundo ao dia da decisão. Eles tinham o testemunho dos efeitos catastróficos da escolha feita por aqueles que viveram antes deles. Isto significa que, quando em face de tais evidências o povo dos dias de Cristo e dos apóstolos escolheram a servidão em vez da liberdade, estavam a declarar que, se tivessem vivido antes de vir o dilúvio, ter-se-iam unido às multidões. Portanto, sobre eles repousava o número seis pelo qual os homens foram marcados nos dias de Noé. Isto é mais confirmado por Jesus quando disse: “Aquele que Me aborrece, aborrece também a Meu Pai.” *João 15:23.*

Mas mesmo antes de Jesus vir, eles já tinham escolhido o primeiro número 6 ao rejeitarem o Pai como Ele foi apresentado nos escritos do Antigo Testamento. A sua condição apostatada no tempo de Cristo é a prova positiva de que não estavam fazendo melhor do que os seus pais antediluvianos e com menos razão.

Todavia, isso não foi tudo. Depois de rejeitarem o Pai, foram confrontados com aquilo que deviam fazer ao Filho, que trouxe a mesma oferta que o Pai, mas com um apelo mais poderoso e mais convincente do que alguma vez havia sido possível nos dias de Noé. Portanto, em adição ao recebimento da marca do número seis pela duplicação do pecado dos antediluvianos, também receberam o seu próprio seis. Assim formando o número 666 juntando 66 à rejeição do Pai e do Filho.

Depois disto, o único Mensageiro que resta para trazer a misericordiosa oferta de liberdade é o Espírito Santo que em breve deverá manifestar-se no poder da chuva serôdia à escala mundial. Com terrível poder Ele contestará os esforços do senhor do pecado para manter os homens em escravidão

eterna, e tão furiosa será a batalha a ser travada, que todo o homem, e criança em todo o mundo será forçado a tomar a sua decisão pessoal. Mas nenhum o fará na ignorância da rejeição do Pai nos dias anteriores ao dilúvio, e do Seu Filho quando veio pela primeira vez. O Espírito Santo, como só Ele pode, tornará o assunto tão claro que todo verá por si mesmo a verdadeira natureza das duas grandes rejeições globais que já aconteceram no passado, e o que significará acrescentar a terceira e última preferência pela eterna escravidão em lugar da perpétua liberdade.

Os poderes das trevas sairão desesperadamente para manter os homens em cativeiro mesmo para selarem os santos nas suas sepulturas para sempre. A Imagem da Besta, tal como já vimos, usará todo o engano e medida ao seu alcance para conseguir a supremacia nesta altura.

Incrivelmente, uma vez mais apenas uns poucos aceitarão a liberdade, mostrando restante um amor pelo seu mestre e pelos dons que ele lhes deu, mais forte do que a própria vida. Quando estes sob o comando da besta e sua imagem, se decidirem pela escravidão eterna, receberão a marca do número seis por si próprios. Ao fazer isso demonstram a sua aprovação da decisão que conduziu ao dilúvio, pelo qual eles também receberam o mesmo número seis. Isto também ratifica a decisão tomada pela geração que rejeitou Cristo e os Seus mensageiros apostólicos. Por causa disto, eles também receberão esse seis.

Assim chegarão ao seu dia final de destino e decisão já possuindo o número 66, e tendo apenas que acrescentar o seu próprio número 6, com o qual fazem por fim o número 666.

O número não é algo no falso título que o Papa de Roma tenha reclamado para si próprio, mas é a designação simbólica dos homens que, em face de todas as evidências da história do passado, têm escolhido nunca mais serem livres. Sobre todo o homem, mulher, e criança que escolha a escravidão em vez da liberdade quando a besta e a sua imagem estiverem violentando a Terra, esse número será a marca.

“Aqui há sabedoria. Aquele que tem entendimento, calcule o número da besta; porque é o número de um homem, e o seu número é seiscentos e sessenta e seis.”

O homem do pecado tem feito o seu melhor para esconder esse número da vista dando uma falsa interpretação que, se aceite, desvia a mente da genuína verdade da questão.

Mas não é preciso ir muito longe no engano satânico desta falsa religião para descobrir o 6, 66, e 666 habilmente, mas não seguramente escondido da vista. Estes números são encontrados na antiquíssima adoração do sol que continuará até ao fim do tempo, e que está no centro da falsa religião. É por esta razão que a universal obrigatoriedade da adoração do domingo figurará tão largamente na luta final pela supremacia.

Na adoração do sol, o Sol é tornado o grande centro à volta do qual rodam os doze sinais do Zodíaco cada um dos quais ocupando trinta graus do círculo. O sol mais os doze sinais do Zodíaco, formam um total de treze, que é um número de grande significado, tal como veremos.

Cada uma das doze divisões estavam ainda divididas em três “decanos” cada qual ocupando dez graus do círculo, fazendo um total de trinta e seis progressões no conjunto.

Os componentes deste número são chamados, “um, dois, três, quatro, e assim sucessivamente até trinta e seis. Se a cada um destes números forem adicionados os números que os antecedem, verificaremos que $6, 66, e 666$ estão incluídos na religião do sol. Verificai por vós mesmos somando $1 + 2 + 3 = 6 + 4 + 5 + 6 + 7 + 8 + 9 + 10 + 11 = 66$ e a seguir até chegardes a $+ 35 + 36 = 666$.

Assim, precisamente na religião da adoração do sol que em breve levará todo o mundo cativo, está uma ilustração que forma o número 666, a marca daqueles que, no fim do tempo, escolherão a escravidão eterna ao serviço do último de todos os senhores — a morte.

Voltaremos agora os nossos pensamentos para esse outro número — treze!

Pelo mundo ele é conhecido como o número “do azar”, ou o “número do diabo”. Muitos hotéis não têm um andar ou quartos com esse número, nem companhias aéreas, lugares. Se um jogador de críquete num encontro alcançar um resultado numa jogada de oitenta e sete que é treze abaixo de cem, fica muito apreensivo, porque receia que a sua sorte se volte contra si. Normalmente fica imensamente aliviado quando passa o resultado sem ser desqualificado.

Assim, treze é um número com uma má reputação quando é de facto um dos números mais maravilhosos em toda a Bíblia. Tanto no tipo como no antítipo, este é um número que designa a estrutura do reino de Deus. Portanto, é o número simbólico da ordem evangélica. Não admira então que o inimigo de Deus e dos homens tenha carregado esse número com infâmia.

Olhemos agora para os exemplos onde este número significa a estrutura do reino de Deus.

Havia doze filhos de Jacó cada um dos quais se tornou, à medida que se multiplicava, uma das doze tribos de Israel. Houve uma exceção a isto, nomeadamente José, a quem foi atribuído duas tribos identificadas pelo nome dos seus filhos, Efraim e Manassés. Isto fazia um total de treze tribos — Ruben, Simeão, Judá, Issacar, Zebulom, Efraim, Manassés, Benjamim, Dã, Aser, Gade, Naftali, e Levi. Doze eram tribos numeradas, enquanto Levi, a décima terceira tribo não era numerada com as restantes, como está escrito:

“Estes são os que foram contados dos filhos de Israel, segundo a casa de seus pais: todos os que foram contados dos exércitos pelos seus esquadrões foram seiscentos e três mil e quinhentos e cinquenta.

“Mas os levitas não foram contados entre os filhos de Israel, como Senhor ordenara a Moisés.” *Números 2:32, 33.*

No altamente significativo estabelecimento da ordem no acampamento, aos levitas foi ordenado que colocassem as suas tendas imediatamente à volta do tabernáculo. Então, fora da área ocupada pelos levitas, o restante devia acampar à volta dos levitas e do tabernáculo. Judá, Issacar, e Zebulom, acampavam do lado Este; Rúben, Simeão, e Gade ao Sul; Efraim, Manassés, e Benjamim ao Oeste; e Dã, Aser, e Naftali ao Norte. Esta informação está contida em *Números 2*.

No Novo Testamento, uma vez que a morte do Cordeiro de Deus tinha substituído o sacrifício do cordeiro típico, o típico sacerdócio levítico foi substituído pelo ministério de Cristo, o sumo-sacerdote antitípico foi substituído pelo ministério de Cristo, o sumo-sacerdote antitípico desse ministério. Portanto, devemos esperar que o número treze esteja presente no Novo Testamento tão certamente como no Antigo Testamento.

Por isso verificamos que Cristo é a figura central rodeada pelos doze discípulos, que mais uma vez formam um total de treze.

Uma vez que Ele regressou ao Céu a fim de tomar os deveres desse “misericordioso e fiel Sumo-Sacerdote”, partilha com Seu Pai, o trono do Onnipotente. Nós esperaríamos portanto que cada um deles fosse rodeado por doze seres ou grupos de seres que estão nas pessoas dos vinte e quatro anciãos. Aqui está o esquema como ele foi revelado a João:

“E logo fui arrebatado em espírito, e eis que um trono estava posto no Céu e um assentado sobre o trono.

“E o que estava assentado era, na aparência, semelhante à pedra jaspe e sardônica; e o arco celeste estava ao redor do trono, e parecia semelhante à esmeralda.

“E ao redor do trono havia vinte e quatro tronos; e vi assentados sobre os tronos vinte e quatro anciãos vestidos de vestidos brancos; e tinham sobre suas cabeças coroas de ouro.” *Apocalipse* 4:2-4.

Vinte e quatro anciãos mais o Pai e o Filho é vinte e seis que é o dobro de treze. Como deve ser esperado, o maravilhoso número treze estará tão firmemente estabelecido na Terra renovada como jamais esteve na antiga. Assim lemos que existirão doze portas para a cidade santa, em cada uma das quais estará inscrito o nome duma das tribos de Israel, enquanto em cada um dos fundamentos estará escrito o nome dum dos apóstolos de Cristo. Isto não significa que o nome de Judas apareça ali, pelo contrário, em seu lugar o de Paulo a quem o seu lugar foi dado.

“E tinha um grande e alto muro com doze portas, e nas portas doze anjos, e nomes escritos sobre elas, que são os nomes das doze tribos de Israel.

“Da banda do levante tinha três portas, da banda do norte três portas, da banda do sul três portas, da banda do poente três portas.

“E o muro da cidade tinha doze fundamentos, e neles os nomes dos doze apóstolos do cordeiro.” *Apocalipse* 21:12-14.

Dentro da cidade estarão o Pai e o Filho que, com os apóstolos e as doze tribos, somam vinte e seis, outro dobro de treze, exactamente no tempo em que a ordem dos sacerdotes e reis de Melquisedeque estarão total e eternamente em operação.

Ora, é absolutamente seguro e certo que, se a estrutura do sistema antitípico da ordem de Melquisedeque envolve o número treze, então assim acontece no típico. Houve apenas um período do qual o tipo podia ser tirado, mas esse não podia ter sido durante os dias dos filhos de Israel em que não havia reis sacerdotes. Desde o tempo em que os levitas foram indicados para o sacerdócio no incidente do bezerro de ouro, até ao fim do sistema levítico na cruz do Calvário, os reis vieram de Judá e os sacerdotes de Levi. Este não era um sistema que simbolizava Melquisedeque em que os ofícios de sacerdote e rei estavam investidos numa só pessoa.

Para encontrar o sistema típico que realmente representa a ordem de Melquisedeque, temos apenas que localizar essa era durante a qual os sacerdotes eram reis, e os reis sacerdotes. O único intervalo assim foi entre Adão e Jacó, doutro modo conhecido como o período patriarcal. Mas, não só

cada um destes homens tinham que ser reis e sacerdotes numa pessoa a fim de representar a ordem de Melquisedeque, tinha também que haver treze deles. Mais ainda, como no sistema antitípico a figura central ou principal é Melquisedeque, assim no sistema típico a figura central tem que ser o Melquisedeque típico.

Entre Adão e Jacó, houve com certeza mais de doze gerações. Houve de facto vinte e duas, mas também deve ser recordado que para ser rei, uma pessoa tinha de sobreviver ao pai, e dos vinte e dois, foram exactamente treze os que o fizeram. Foram Adão, Sete, Enos, Queina, Cainan, Maalalel, Jared, Enoque, Metusalém, Noé, Sem, Eber, Isaque, e Jacó.

Enoque evidentemente não sobreviveu ao seu pai enquanto esteve na Terra, mas fê-lo sendo trasladado.

Ora, o centro de treze é sete. Os seis números 1-6 precedem o 7 e os seis números, 8-13 vêm depois de 7. Portanto, o sétimo rei e sacerdote depois de Adão fornecia o tipo de Melquisedeque e havia apenas um que o podia fazer. Enoque enquanto homem.

Foi assim que Enoque, “o sétimo depois de Adão”, *Judas 14*, foi para o Céu, recebeu o seu novo nome, “Melquisedeque”, e de imediato começou a sua obra como “rei de Salém, sacerdote do Altíssimo Deus”. Nesse ofício, ele começou a proclamação da graça infinita do Pai eterno cuja glória é perdoar e restaurar. No decurso deste ministério, ele regressou a esta Terra por um período de serviço, pelo qual mostrou como só Ele podia, o glorioso futuro que espera os remidos.

Os textos bíblicos citados neste artigo foram recolhidos da Bíblia de João Ferreira de Almeida, SBB, 1969 (Edição Revista e Corrigida.)

Para apoio adicional aos textos de Ellen White recomenda-se a página:

www.egwwritings.org.

Para os crentes que tem a possibilidade de entender a língua inglesa recomenda-se a série de estudos em áudio do ano de 1982, ano em que Fred Wright tendo começado uma série de estudos sobre *Apocalipse* em Portugal, prosseguiu o tema nos E.U.A. e para este efeito recomenda-se a página:

<http://www.practicaprophetica.com/audio/1982-2/>